

TERRITÓRIO E FORMAÇÃO DO LEITOR – UM OLHAR SOBRE SALVAR O FOGO ATRAVÉS DA VIVÊNCIA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DOCENTE NO PROGRAMA PIBID.

Ester Faria Falcão Maia ¹

Jucy Silva ²

Liliane Vasconcelos ³

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de experiência realizada nas ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, em Cachoeira (BA), durante o período de atuação como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Católica do Salvador. A atividade uniu teoria e prática no contexto formativo docente, articulando o estudo literário com a compreensão histórica e cultural. O espaço visitado é um conjunto de memórias de um território, marcado por processos coloniais que ainda ecoam no presente, a prática foi atravessada por reminiscências do recôncavo baiano nas quais a literatura, especialmente a obra de Itamar Vieira Junior, Salvar o Fogo representa a história local. As ruínas tornaram-se um ponto de encontro entre o passado e as vozes literárias que ressignificam o espaço, ampliando as perspectivas do leitor, esse sujeito real, que busca através da narrativa moldar o imaginário, promovendo reflexões críticas acerca de opressões históricas e resistências comunitárias. Ao observar o Convento, a comunidade quilombola e, especialmente a Associação dos Remanescentes Quilombolas, não apenas como um seguimento de análise, porém, como lugar de expressão narrativa, a experiência ultrapassou o caráter de uma visita técnica, configurando-se como prática educativa decolonial, fortalecendo o letramento literário e o papel político da educação, contribuindo para formação docente.

Palavras-chave: Literatura, Ancestralidade, Cultura, Território, PIBID.

¹ Graduado do Curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, ester.maia@ucsal.edu.br

² Graduado pelo Curso de Letras Inglês da Universidade Federal Universidade Católica do Salvador – UCSAL, jucysilva68@gmail.com

³ Graduado pelo Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal Universidade Católica do Salvador – UCSAL, liliane.vasconcelos@pro.ufsc.br



INTRODUÇÃO

Em uma construção social, a linguagem está intrínseca na sua formação, tornando a literatura um condutor que interliga os aspectos diversos que compõem essa perspectiva social. É através da literatura, que surge a possibilidade de explorarmos caminhos por quais não percorremos, com diferentes realidades sendo sobrepostas, ampliando o processo reflexivo e experiencial, como relata Cosson (2021, p.17).:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada.

Seguindo esse cenário, torna-se relevante destacar as vivências pedagógicas para a formação docente, em especial, para o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Universidade Católica do Salvador. Através dessa experiência, os núcleos escolares: Colégio Estadual Edvaldo Brandão Correia e Colégio Estadual Dinah Gonçalves, do PIBID, participaram da imersão acadêmica para as ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, localizado em Cachoeira (BA), com o objetivo de ampliar o letramento literário do livro *Salvar o Fogo* (2023), do escritor Itamar Vieira Júnior, sendo esta obra escolhida para ser trabalhada nas escolas estaduais de ensino.

Na obra literária, revela-se um cenário marcado por memórias, construídas através do pertencimento territorial, crenças e identidade. Ao acompanharmos a trajetória dos personagens Moisés e Luzia, com suas subjetividades e vivências, adentramos ao imaginário construído dentro da comunidade de São Francisco do Paraguaçu, transbordando a experiência do leitor através do texto. Esse aspecto se destaca ao pensamento de Barthes (2013, p. 20).:

O brio do texto (sem o qual, em suma, não há texto) seria a sua vontade de fruição: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos - que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas.



A experiência foi marcada por uma reflexão territorial, no qual aprofundamos o conhecimento histórico e cultural da cidade, a vida comunitária em conjunto com a natureza e resistência aos processos coloniais, dessa forma, observamos as raízes que serviram de inspiração para a criação literária de Itamar Vieira Junior (2023). O eixo literário trabalhado, proporcionou a visita às ruínas do Convento, com relatos orais e fotográficos, o que gerou uma aproximação da ficção literária, com a realidade presenciada. A cada espaço novo apresentado nas ruínas, identificava-se o trecho descrito no livro, como a vista do cruzeiro, em frente ao Paraguaçu.

Nos momentos de brincadeiras, quando os monges seguiam seus rituais de oração e contemplação, nós, crianças, chegávamos ao pátio da frente, onde ficava o cruzeiro, em silêncio para não sermos notados. A igreja havia sido erguida com a porta principal voltada para o Paraguaçu. Ao lado, como parte do conjunto, havia um edifício sem adorno, antigo, uma ruína chamada salão do mar. (VIEIRA JUNIOR, 2023, p.39).

Dessa forma, a vivência permitiu um espaço no qual a teoria e a prática se integravam, promovendo uma reflexão sobre o patrimônio material e imaterial presente no recôncavo baiano, bem como as narrativas literárias que o integram, potencializando uma perspectiva crítica na origem histórica do território e da narrativa.

De uns tempos para cá passei a desconfiar que o Mal não vinha do coração daquela gente. O Mal foi plantado pelos senhores da terra. Tinha sido regado pelos padres que habitavam o mosteiro de Santo Antônio. Não saia mais da minha cabeça que nos dividiram para nos enfraquecer. Tudo se iluminava na mesma medida em que me assombrava. (VIEIRA JUNIOR, 2023. P. 176)

O romance amplia o que Ferdinand (2022) apresenta como “fratura colonial”, através da voz narrativa que realiza uma denúncia histórica de opressão colonizadora. Dessa forma, a ocupação religiosa se revela não apenas como uma presença espiritual local, mas como engrenagem ativa na dominação territorial, intensificando a desigualdade social.

Assim, o habitar colonial apoiou-se num conjunto de ações que determinam as fronteiras entre os que habitam e os que não habitam. Existem terras que são chamadas de “aclimatadas” e outras que não o são. Há casas que são



habitações e outras que não o são. Pessoas povoaram essas ilhas sem, no entanto, serem designadas como “habitantes”. (FERDINAND, 2022, p.4)

Portanto, constata-se que o colonialismo no recôncavo baiano não se trata apenas um acontecimento histórico ocorrido, mas uma manobra de ações que persistem na contemporaneidade, como relatado pelos moradores e membros da Associação dos Remanescentes Quilombolas, com denúncias sérias sobre disputa territorial, desaparecimentos, conflitos políticos e tentativa de rompimento comunitário dos moradores. Atualmente, a Associação acolhe centenas de famílias que vivem através da agricultura de subsistência que, desde 2005, após o seu reconhecimento como território quilombola, enfrenta desafios relacionados à demarcação de suas terras, intensificando a violência contra a população e os embates políticos no município. Nesse contexto, a compreensão social dos quilombos torna-se imprescindível para a retomada desse território que, caracteriza-se como “conceito tanto geográfico quanto antropológico, que enfatiza a diferença no modo pelo qual tais comunidades se relacionam com as terras que lhe devem ser atribuídas” (RIOS, SANTOS e RATTS, 2023, p. 288).

No cenário de disputas territoriais, emerge em 2004 o Programa Brasil Quilombola (PBQ), constituindo um instrumento para efetivar as lutas sociais das comunidades. Através do monitoramento e protagonismo, as lutas quilombolas ganharam visibilidade nos órgãos federais, ampliando os espaços de discussões, políticas públicas e o sentimento de pertencimento. O quilombo é inseparável das resistências políticas, podendo ser evidenciado através da literatura.

Se resignou com sua guerra cotidiana e sua vitalidade emergia com uma força incomum. “Não vou dar a terra de mão beijada aos invasores”, e fez daquela raiva uma âncora poderosa para o controle de que precisava. Como será que seus avós tinham chegado àquele lote? Herdaram dos antepassados? Foi benesse da carola abastada, que depois doou tudo à Igreja? (Vieira Junior, 2023, p.246).

Dessa forma, a conexão entre a narrativa de Itamar Vieira Junior, associada as perspectivas de Ferdinand, ampliam a compreensão sobre a ocupação da igreja no território, sendo um símbolo de estratégias coloniais que buscavam dominar a terra, as águas e as próprias relações entre a comunidade, através da aplicação política, de impostos e religiosa.



Por “habitar colonial”, designo algo diferente de um habitat, um estilo de arquitetura ou um modo de ocupação e de cultura. Se Martin Heidegger demonstrou bem que habitar e construir não são atividades circunstanciais do homem, mas antes constituem uma modalidade insuperável de seu ser, ele não permite compreender o habitar colonial. (FERDINAND, 2022, p.4)

Seguindo essa perspectiva, analisa-se que a ocupação da igreja não possui pertencimento ao território presente na narrativa. Nessa óptica, a ecologia decolonial e a literatura permitem a compreensão das dimensões históricas sobrepostas, através do elemento cultural, identificando as marcas de dominação e a reconstrução do bem-viver que emerge na comunidade.

Nos dias seguintes Luzia não pensa no incêndio, nem na pequena multidão prestes a castiga-la sem julgamento. Se deixa invadir por algo a ser compreendido como um regresso ao começo, a um tempo primordial, sem memória ou narrativa. Passa a vagar pelas margens do rio, por matas e estradas, por vielas, de cabeça erguida e sem o temor de antes. Mundinho estranha a mudança de comportamento da filha, mas não a considera má. Sem nada a dizer, sente agora Luzia liberta da religião, assim como ele poderá estar desobrigado de atender os cobradores de impostos. (VIEIRA JUNIOR, 2023, p.303)

Assim, o trecho demonstra a consciência e pertencimento territorial presente nos personagens da narrativa, evidenciando uma virada simbólica de Luzia que, ao se libertar do julgamento coletivo imposto pela igreja, inicia o processo de reconexão com a sua terra. A postura adotada por Luzia revela o que Ferdinand (2022) denomina como transformação da relação colonial com o território. Dessa forma, por mais silencioso que pareça ser, a atitude da personagem carrega uma ressignificação de identidade, potencializando sua liberdade. A representatividade descrita na narrativa ocorre no contexto real de São Francisco do Paraguaçu, através da resistência apresentada pela Associação dos Remanescentes Quilombolas.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada foi inspirada no modelo de sequência expandida proposto por Rildo Cosson (2006), no qual elabora o trabalho literário em quatro etapas: motivação, leitura, interpretação e criação. Desse modo, a adaptação para a proposta integrou a vivência no território do São Francisco do Paraguaçu, interligando a leitura com os registros orais e fotográficos, além da interação com a comunidade.

Assim, a motivação, como etapa inicial do processo, iniciou através da provocação em realizar uma vivência pedagógica em outra cidade, visitando o território responsável por inspirar a obra. Antes da viagem, elaborou-se uma contextualização para a aplicação da narrativa nas escolas, destacando o enriquecimento que seria alcançado, bem como discussões críticas sobre ancestralidade, resistência e memória.

Seguindo a sequência, a leitura da obra Salvar o Fogo (2023), foi determinada como elemento indispensável para os bolsistas do programa PIBID. Através da leitura, tornou-se possível acessar previamente as paisagens, relações comunitárias e personagens que compõem o espaço presente na narrativa. Assim, estabeleceu-se um campo de sentido, criando uma conexão mais profunda com o local.

Na fase da interpretação, a história das ruínas, bem como da cidade, foi apresentada por um guia e morador local. Os bolsistas tiveram a oportunidade de tirar fotos e vídeos arquitetônicos, localizar e registrar os elementos simbólicos do Convento, além de visitar fábricas de tapioca, vassoura e dendê, encerrando a vivência junto com a Associação dos Remanescentes Quilombolas, local no qual escutou-se relatos históricos sobre resistência e preservação cultural.

Como etapa final, os bolsistas foram convidados a produzir registros com base na experiência, sendo através das redes sociais, produções de ensaios ou relatos de experiências. Dessa forma, essas produções tiveram como objetivo estimular o letramento literário entre os futuros professores, bem como as construções de vínculos críticos e reflexivos com a realidade local.

Seguindo a sequência expandida, a experiência pedagógica que foi vivenciada trouxe consigo um aprofundamento significativo na formação do leitor, permitindo, assim, a conquista de uma compreensão mais ampla e rica do texto. Essa compreensão vai além da mera apreciação estética, pois se propõe a encarar a leitura como uma prática crítica e reflexiva em relação a um mundo que ainda carrega, em seus diversos territórios, as marcas e os processos coloniais. Dessa forma, essa abordagem educativa se alinha de maneira às lutas sociais da contemporaneidade que buscam confrontar e superar essas heranças, conforme defendido por Ferdinand (2019).



REFERENCIAL TEÓRICO

O trabalho através do letramento literário deve ser para além da compreensão estética do texto, sendo uma experiência que envolve os sentidos, reflexões, críticas e memórias, envolvendo o contexto teórico ao prático, em um conjunto que nos conecta as diferentes realidades presentes no mundo, como cita Cosson:

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita palavra narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos, tanto da linguagem, quanto do leitor e do escritor. Uma e outra permitem que se diga o que não sabemos expressar e nos falam de maneira mais precisa o que queremos dizer ao mundo, assim como nos dizer a nós mesmos. (COSSON, 2021, p17.)

É através da literatura que se torna possível alcançar espaços antes desconhecidos, sendo uma prática tanto individual, quanto coletiva, sendo nesse último aspecto, potência ao ser compartilhada e discutida. Portanto, ao realizar uma atividade conjunta de letramento, ampliamos as possibilidades de compreensão, sendo esse texto literário um produto de diálogo social.

De novo, estamos diante do equívoco de tratar a leitura literária como uma atividade tão individual que não poderia ser compartilhada, mas já sabemos que é justamente o contrário. O efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros. Embora essa experiência possa parecer única para nós em determinadas situações, sua unicidade reside mais no que levamos ao texto do que no que ele nos oferece. (COSSON, 2021, p. 28).

Dessa forma, evidencia-se o papel da literatura como elemento de construção social e de identidade, fortalecendo a visão de um mundo diverso, com seus desafios, histórias, lutas e resistência. Assim, trazendo a teoria para o campo experencial vivido, olhar para a margem do Paraguaçu transforma os trechos narrativos em uma memória quase palpável, entre a luta por território, fé e cultura.

Se juntava à indisposição da aldeia comigo a rebeldia de meu pai, sempre indagando por que ele tinha que pagar o imposto: “ A terra estava aqui desde antes desses padres novos chegarem” - dizia, iniciando o sermão. (VIEIRA JUNIOR, 2023, p.130).

Nesse contexto, a motivação, descrita na sequência expandida do referido autor, torna-se elemento essencial para que o leitor penetre a essência da obra e suas origens. Assim, a leitura formativa juntamente com a vivência pedagógica constrói uma base literária ampla, deixando de ser uma experiência unilateral e tornando-se parte de um coletivo cultural. Desse modo, os elementos se integram, a estética da narrativa, bem como a partilha social e construção crítica se fortalecem mutuamente, alinhando o imaginário com os aspectos reais vividos em sociedade, como descritos na narrativa de *Salvar o Fogo* (2023).

Quando põe fogo no monturinho é tomada por imagens que combinam sonhos, revelações do são do mar e o que viveu nos últimos anos. É certo que o mosteiro foi queimado muito antes pelas mãos dos cativos. Foram eles que se rebelaram contra a religião e puseram fim ao tempo de terror. As histórias foram sopradas pelo vento a Luzia, projetadas por luz e sombra no resto das águas do Paraguaçu empoçadas no chão. (VIEIRA JUNIOR, 2023, p. 312).

Evidencia-se os efeitos do processo colonial, seja na narrativa presente no objeto literário de estudo, ou na atualidade dentro da comunidade do São Francisco do Paraguaçu. Através do conceito de Ferdinand (2022), no qual defende a ideia sobre uma ecologia decolonial, em que, através dos movimentos sociais, busca combater a opressão, tornando-se necessário problematizar os impactos ainda vivenciados pela população devido a colonização e a exploração da igreja ao território.

A ecologia decolonial é uma crítica renovada das colonizações históricas e contemporâneas, bem como de seus legados, crítica que leva a sério questões ecológicas do mundo. Em primeiro lugar, trata-se de reconhecer que a relação colonial não se reduz a uma relação de grupos de humanos. Ela compreende também as relações específicas com não humanos, paisagens e terras por meio do habitar colonial da Terra. (FERDINAND, 2022, p. 198).

Assim, a experiência com a visita às ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu e a comunidade quilombola não se torna apenas uma vivência estética, sendo também uma forma prática de exercitar a crítica e a leitura de uma sociedade atingida pela exploração e apropriação do seu território.

Nesse sentido, a articulação do romance *Salvar o Fogo*, junto com a vivência pedagógica amplia o diálogo para além do texto narrativo, gerando um reconhecimento dos sujeitos históricos e culturais que integram o espaço a ser estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência pedagógica nas ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu proporcionou para os bolsistas do programa PIBID uma experiência para além do contexto teórico literário, criando uma ponte direta entre a narrativa ficcional e as narrativas históricas que permeiam o território. Essa imersão permitiu um contato sensível com o espaço e sua materialidade, aproximando o estudo acadêmico da realidade vivida pela comunidade local. A oportunidade de alcançar a memória coletiva de um espaço, no qual carrega uma rica história, transforma as narrativas palpáveis para a compreensão das problemáticas abordadas. A visita desde as ruínas, até as fábricas de tapioca, dendê, vassouras, bem como o encontro com a Associação dos Remanescentes Quilombolas, forneceram importantes relatos sobre a cultura preservada na memória daquele povo, assim como a resistência para a preservação do seu território. A troca com os moradores e lideranças reforçou a consciência política da visita, evidenciando a luta contínua por reconhecimento, direitos e valorização cultural. A aplicação da sequência expandida (COSSON, 2006) revelou a eficácia na mediação da vivência pedagógica, tornando os quatro elementos perceptíveis, seguindo a estrutura da motivação, leitura, interpretação e criação. O uso de imagens e os registros audiovisuais promoveu um engajamento entre os bolsistas, colaborando para novos sentidos a serem atribuídos na obra. Esse processo favoreceu não apenas a compreensão teórica, mas também o desenvolvimento de uma postura crítica frente às relações históricas e sociais que moldam o território. Na perspectiva formativa, a experiência afirmou a importância do programa PIBID para a formação docente. Através desta atividade, observou-se que o letramento literário alinhado com a reflexão territorial, fortalece uma perspectiva histórica, de identidade e de pertencimento cultural, demonstrando que a literatura está para além do campo ficcional, está



entrelaçada na realidade e história, tornando a leitura uma prática crítica e social capaz de gerar transformações concretas no modo como se identifica no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência obtida através da visita às ruínas do Convento de São Francisco do Paraguaçu, alinhada à obra literária *Salvar o Fogo* (2023), juntamente com a sequência expandida, demonstrou grandes resultados positivos para a formação docente. Assim, a literatura e a reflexão sobre território e pertencimento contribuíram para uma construção crítica de análise literária, valorizando a narrativa como elemento de transformação social, além de evidenciar a relevância da teoria e prática como processo de formação pedagógica contínua. Desse modo, os bolsistas adquiriram uma experiência completa, ampliada pelo contato direto com o patrimônio histórico e cultural, capacitando para a aplicação do objeto literário nas escolas estaduais de ensino, com uma ampliação significativa para a elaboração de discussões mais profundas sobre identidade, território, pertencimento, memória coletiva e cultura, fortalecendo o papel da educação como agente transformador, tecendo a consciência crítica, assim como os personagens de Itamar tecem o passado e o futuro.



AGRADECIMENTOS

Agradeço ao curso de Letras Vernáculas da Universidade Católica do Salvador por proporcionar professores comprometidos com a educação, bem como ao programa PIBID, que concedeu ao percurso da minha graduação experiências únicas e que contribuíram para a minha formação docente. Um agradecimento especial para a professora Jucy Silva, supervisora do PIBID. Agradeço também a professora Liliane Vasconcelos, coordenadora de área do projeto, que sempre apoia e incentiva os seus alunos. Agradeço também ao escritor Itamar Vieira Junior, por criar uma obra tão rica em história, pertencimento, fé e cultura, que serve de inspiração para aqueles que o acompanham.



REFERÊNCIAS

- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FERDINAND, Malcom. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. 1. ed. – São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- VIERA JUNIOR, Itamar. *Salvar o fogo*. 1. ed. – São Paulo: Todavia, 2023.
- RIOS, Flávia; SANTOS, Marcio André dos; RATTS, Alex. Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- BRASIL. Quilombos. 2018. Disponível em:
<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/568/1/Brasil-Quilombos-2018.pdf>. Acesso em: 5 out. 2025.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Quilombo São Francisco do Paraguaçu: luta por seus direitos e contra preconceito, violência e práticas coronelistas. Mapa de Conflitos Envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca; Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE), [data de publicação não informada]. Disponível em: <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflieto/ba-quilombo-sao-francisco-do-paraguacu-luta-por-seus-direitos-e-contra-preconceito-violencia-e-praticas-coronelistas/>. Acesso em: 3 out. 2025.